

# A ONTOLOGIA DIMENSIONAL DE VIKTOR FRANKL: O HUMANO ENTRE CORPO, PSIQUISMO E ESPÍRITO

## VIKTOR FRANKL'S DIMENSIONAL ONTOLOGY: THE HUMAN AMONGST BODY, PSYCHE AND SPIRIT

**Ivo Studart Pereira**

*Universidade Federal do Ceará*

**Resumo.** O presente artigo se propõe a investigar os fundamentos antropológicos do pensamento do psiquiatra e filósofo austríaco Viktor Emil Frankl, sob a ótica do modelo de integração dos constitutivos ontológicos que integram o humano em sua teoria. Partindo da compreensão de que o conceito de homem da logoterapia constitui a pedra angular do projeto terapêutico e filosófico de Frankl, propomos a analisar a *imago hominis* que tal pensador elabora por meio da organização de três categorias fundamentais: corpo, psiquismo e espírito. Exporemos, a partir daí, sua noção de ontologia dimensional, analisada enquanto recurso teórico por meio do qual se dão a integração e montagem dialética das mencionadas categorias, de que resulta uma defesa forte de uma unidade antropológica radical, ainda que permeada por uma irrecusável diversidade ontológica, a qual se pretende logicamente imune a reducionismos. Por fim, refletimos sobre o debate decorrente de tal proposta teórica: a oposição entre o “paralelismo psicofísico” e o “antagonismo noopsíquico”.

**Palavras-chave:** Viktor Frankl; Antropologia Filosófica; Espírito; Logoterapia.

**Abstract.** This article aims to investigate the anthropological foundations of the Austrian psychiatrist and philosopher, Viktor Emil Frankl's thoughts, from the perspective of the integration of the ontological constitutive model which integrates the human in its theory. Starting with the understanding that logotherapy's concept of man is the cornerstone of Frankl's therapeutic and philosophical project, we propose to analyze the *imago hominis* the thinker develops by organizing three fundamental categories: body, psyche and spirit. We expose, from there, his notion of dimensional ontology, analyzed as a theoretical resource through which the dialectical integration and assembly of the mentioned categories are given, resulting in a strong defense of a radical anthropological unit, although permeated by an undeniable ontological diversity, which aims to be logically immune to reductionism. Finally, we reflect on the current debate arising from this theoretical proposal: the opposition between the "psychophysical parallelism" and "noopsycheic antagonism".

**Keywords:** Viktor Frankl; Philosophic Anthropology; Spirit; Logotherapy.

O presente trabalho tem como objetivo investigar os fundamentos antropológicos da obra de Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), psiquiatra e filósofo austríaco, fundador da logoterapia, escola de psicoterapia situada entre a psicologia humanista americana e a psiquiatria existencial europeia. Analisando a ênfase dada por Frankl ao “poder de obstinação do espírito humano” (FRANKL, 1995, p. 64), postulado sob a noção fundamental de que a motivação primária do homem reside na responsabilidade pela busca e realização do sentido de sua vida, defendemos, de antemão, que o eixo fundamental do sistema teórico da logoterapia, tanto em seu aspecto ético quanto técnico, repousa sobre sua concepção antropológica (PEREIRA, 2012, p. 55). Frankl sabia-se inserido numa era de especialistas e tomou para si o desafio de constituir, em sua proposta teórica, uma imagem unificada de ser humano, que viesse a oferecer um *locus* compreensivo para os achados compartimentalizados das diversas ciências a respeito do homem. Para ele, o real perigo da pesquisa científica contemporânea consiste, não no fato de que os pesquisadores estão se especializando, mas, sim, no fato de que os especialistas estão generalizando. Nesse sentido, o pai da logoterapia defende que, sempre que uma ciência específica clama por totalidade, esta mesma ciência se desfigura em ideologia, transformando-se em mais um “ismo”, na medida em que se defenda uma maneira biologista, psicologista ou sociologista de ler o homem. Frankl afirma que, na contemporaneidade, o reducionismo tornou-se a máscara do niilismo, de modo que se faz premente responder à pergunta: “(...) como será possível preservar o caráter de unidade do

homem face ao pluralismo da ciência, num momento em que esse pluralismo é o solo fértil sobre o qual o reducionismo floresce?” (FRANKL, 1988, pp. 21-22).

Para responder a tal questionamento, Frankl (2003, p. 42) reconhece os esforços dos trabalhos da antropologia de Max Scheler e da ontologia de Nicolai Hartmann, tendo em vista que ambos os pensadores levaram em conta o caráter qualitativo da diferença entre as dimensões constitutivas do ser humano: corpo, psiquismo e espírito. Como veremos à frente, há uma distinção essencial entre psiquismo e espírito, isto é, trata-se de uma antropologia tripartite. No entanto, a organização de tais categorias em “camadas” (*Schichten*) – com Scheler – ou em “estratos” (*Strufen*) – com Hartmann – não respondia completamente à pergunta pela unidade radical do ser humano: como bem observa Herrera (2007, p. 142), essas formas de organização compartilham, potencialmente, uma errônea ideia de “separabilidade” entre as regiões ontológicas. Frankl, logo, procurou organizar uma concepção de homem que fizesse justiça radical às diferenças ontológicas e à unidade antropológica existentes no ser humano, propondo um modelo dimensional que fosse além da teoria da construção de graus e da organização de estratos. Propõe ele, para tanto, uma abordagem *more geométrico* a que deu o nome de “ontologia dimensional”:

A característica da existência humana é a coexistência entre a unidade antropológica e as diferenças ontológicas, entre o modo de ser unitário da realidade humana e as modalidades diversas em que ela se divide. Em síntese, a existência humana é *unitas*

*multiplex*, para usar uma expressão da filosofia de São Tomás de Aquino. A ela não fazem justiça nem o pluralismo, nem o monismo, tal como o encontramos em Spinoza, na *ethica ordine geometrico demonstrata*. Que seja permitido esboçar uma *imago hominis ordine geometrico demonstrata*, que funciona como uma analogia. Trata-se de uma ontologia dimensional, com duas leis (...) (Frankl, 1978, p. 139).

A ideia de “dimensão” deve ser entendida, realmente, em sua acepção matemática, na “concepção geométrica de dimensão, como uma analogia relativa às diferenças qualitativas que não anulam a unidade mesma de uma estrutura” (Frankl, 1988, p. 23). Em nossa concepção, a ontologia dimensional constitui a saída encontrada por Frankl para ilustrar a organização dialética daquilo que compreendeu como as três categorias ontológicas fundamentais para abordar o ser humano: corpo, psiquismo e espírito. Uma observação a respeito dessa sistemática se faz pertinente ao momento. Corpo, psiquismo e espírito são aqui concebidos como categorias reflexivas, no sentido dialético, isto é, uma não pode ser pensada sem a pressuposição lógica da outra, dada a reciprocidade essencial que elas encerram, sistematicamente, entre si. Isto é, da mesma maneira como a definição do termo “pai” pressupõe uma conexão lógica essencial com a do termo “filho”, se se fala de “espírito”, também se pressupõe “psiquismo” e, se falo de “psiquismo”, também estou presumindo o “corpo”. A metodologia utilizada por Frankl, em sua ontologia dimensional, é a da “suprassunção” (*Aufhebung*) dessas categorias, na acepção propriamente hegeliana do verbo

*aufheben*: negar, manter e elevar semanticamente. As dimensões não são “compartimentalizadas”, mas, sim, compreensivamente elevadas, em termos de complexidade, no sentido de identidade na diferença:

Seja como for, cumpre esclarecer que, quando se fala de dimensões inferiores ou superiores, não se prejudica uma hierarquia nem se menciona ainda implicitamente um juízo de valor. No sentido da ontologia dimensional, o que se quer dizer, ao falar de uma dimensão superior é que se está lidando com uma dimensão *mais compreensiva*, que inclui e abarca uma dimensão inferior. A dimensão inferior é, portanto, ‘elevada’ à dimensão superior, exatamente no sentido plúrimo que Hegel confere a este termo (Frankl, 2003, p. 46).

A categoria de entrada – corpo – é suprassumida (*aufgehoben*) na categoria de psiquismo, que, por sua vez, é suprassumida na categoria de espírito. A tríade acaba por ser sintetizada na ideia de pessoa humana, tal como o homem é entendido na logoterapia. Antes de nos voltarmos, mais detidamente, à ontologia dimensional, com suas leis e desdobramentos, cabe recorrer a Vaz (1991; 1992), que, em sua obra em dois tomos a respeito da Antropologia Filosófica, se serviu de uma metodologia semelhante. Faremos um breve uso do esquema teórico de Vaz com fins de introdução à antropologia explícita subjacente ao pensamento de Frankl, no intuito de alcançar uma compreensão mais fidedigna dessa organização dialética.

O corpo constitui a dimensão biológica do homem e diz respeito aos fenômenos,

propriamente, somáticos do organismo humano. Trata-se da categoria de entrada. Vaz prefere a expressão “corpo próprio”, para designar a especificidade ativa e expressiva do corpo do homem, frisando uma interessante distinção a esse respeito, através da análise de dois vocábulos da língua alemã: *Körper* e *Leib* (Vaz, 1991, p. 176). *Körper* faz referência a uma totalidade física, designando, no caso do ser humano, suas dimensões material e biológica, enquanto que *Leib* é o corpo do ser do homem, numa unidade que pressupõe as outras dimensões. Tanto a ação, quanto a expressão só podem ser entendidas na esfera do *Leib*. Isto é, trata-se do corpo de um sujeito, que, concomitantemente, é o corpo e age com o corpo. Perceba-se: não pode haver identidade total aí, como a que ocorre com um ser inanimado, como uma rocha, por exemplo. Uma rocha é seu corpo (*Körper*) e nada mais.

O ser humano, contudo, é capaz de dotar seu corpo de intencionalidade significativa, visto que seu corpo possui, de entrada, algo que não é simplesmente corporal: um significado com fins intersubjetivos. A notação *corpo próprio* justifica-se por implicar integração, posto que denota não descartar as outras categorias constitutivas, não aceitando a identidade total do homem com seu corpo, o que redundaria, fatalmente, num reducionismo fisicalista. Isto é, nega-se, dialeticamente, o corpo-objeto, que é suprassumido no conceito de corpo próprio, o qual, por sua vez, passa a ser entendido através das “expressões pelas quais o sujeito se manifesta corporalmente” (Vaz, 1991, p. 182). O homem é o corpo, na medida em que tal suporte material se revela enquanto estrutura constitutiva de sua essência (estar-aí). O homem não é corpo, na medida em que a presença do

homem é expressa e exteriorizada através de seu corpo, pólo imediato do ser do homem no mundo (ser-aí): os limites da corporalidade são ultrapassados, tendo em vista a existência, dentro de uma unidade dialética, do psiquismo e do espírito. É nesse raciocínio que Frankl afirma que o conceito de somático tem, concomitantemente, “maior e menor âmbito do que físico”, já que, se o “físico abrange o material”, pode-se dizer que “o somático ultrapassa o domínio do meramente material” (Frankl, 1978, p. 74).

A dimensão psíquica constitui a esfera das sensações, dos impulsos, do desejo. Tem-se, aí, uma consciência cognitiva, aos quais podem ser associados talentos intelectuais e padrões comportamentais adquiridos (Lukas, 1989a, p. 28). Trata-se do domínio mesmo ao longo do qual boa parte da psicologia traçou sua história. O psiquismo constituiria o pólo mediador dos dois extremos categoriais: corpo próprio e espírito. O esquema tripartite foi tomado por Frankl, preferencialmente aos dualismos “alma-corpo” (ou “mente-corpo”), por conta da incompatibilidade do psiquismo com as atividades superiores do homem (liberdade e responsabilidade), que vão além de qualquer facticidade psicológica:

Nenhuma unidade psicossomática no homem, por mais íntima que seja, consegue constituir sua totalidade; a essa última pertence essencialmente o noético, o espiritual, porque o homem representa um ser, certamente não só espiritual, mas sim em sua essência e porque a dimensão espiritual é constitutiva para ele, enquanto esta representa a dimensão, certamente não a única, mas sim a específica, de sua existência, quer se considere o espiritual no

homem de maneira fenomenológica, como sua personalidade, quer de maneira antropológica, como sua existencialidade (Frankl, 1995, p. 66).

De fato, o psiquismo constitui uma estrutura que se mantém na fronteira da materialidade exterior (presença imediata ao mundo) e a interioridade absoluta (presença de si a si próprio). Frankl ilustra esse caráter limítrofe da categoria psiquismo com uma imagem aristotélica:

A relação entre *morphe* e *hyle* é semelhante à relação entre o psíquico e o corporal, ou seja: a primeira dimensão pertence à imediatamente superior como última. Conseqüentemente, também é legítimo, no sentido do hilemorfismo, que a psique seja chamada de uma *forma corporis*. Só que, diante da relação análoga entre o espiritual e o psíquico dentro da 'psique' como uma *forma corporis*, teríamos de distinguir, de um lado, entre o 'psíquico espiritual' como, eu gostaria de chamar, uma *forma formans*, e do outro, o psíquico corporal como, eu gostaria de chamar, *forma formata*. De fato, o homem se conforma a si mesmo, ao mesmo tempo que o espiritual nele, ou seja, ele mesmo como pessoa espiritual, se forma e em suma se cria a si mesmo como caráter psíquico, *i.e.*, o psíquico nele: 'a pessoa é criativa', 'o caráter é algo criado' (Frankl, 1995, p. 70).

No entendimento da logoterapia, a reboque, especialmente, dos ensinamentos de Scheler, a dimensão psíquica é compartilhada entre homens e animais. O comentário de Volkmer a respeito desse tema em Scheler nos parece útil nesse momento:

Na consideração das esferas do ser vivente em geral, a primeira dimensão de estruturação é a construção do mundo psíquico ou individual, caracterizado pelo fato de tais seres já possuírem um ser-para-si, que por sua vez se desenvolve em quatro dimensões evolutivas e subordinadas umas às outras. Estas etapas ou níveis são: 1) o impulso afetivo (ou 'sensitivo') já presente nas formas viventes vegetais; 2) o instinto animal; 3) a memória associativa presente em certos animais; 4) a inteligência prática. É característica de todos estes processos uma progressiva individuação e desprendimento em relação ao meio natural. O homem compartilha elementos de todas estas esferas. Porém, não somente o homem, mas também animais superiores (Volkmer, 2006, p. 82).

O psiquismo confere ao humano seu primeiro degrau de interioridade, com uma presença *mediada* pela percepção e pelo desejo. Isto é, através do elemento psíquico, o mundo exterior é reconstruído numa interioridade que se dá no entrecruzamento do ser-no-mundo com o estar-no-mundo (Vaz, 1991, p. 188). O homem é seu psiquismo, no sentido de que tal categoria se mostra enquanto constitutiva do próprio ser do homem no mundo e não é seu psiquismo, na medida em que a auto-afirmação humana possui uma amplitude transcendental (que será suprassumida na categoria de espírito), a qual não se esgota na dimensão psicossomática do homem (Vaz, 1991, p. 193).

Apenas na dimensão espiritual, é que se encontra o que Frankl entende por sua noção de "homem incondicionado": "(...) a unidade corpo-psiquismo não constitui ainda, nem de longe, o homem integral. À totalidade do

homem, pertence um terceiro elemento – essencialmente, o espiritual” (Frankl, 1978, p. 74). A dimensão espiritual constitui o lugar ontológico da consciência moral (*Gewissen*), “onde” o homem aparece enquanto tal, não podendo afirmar que “possui” um espírito, assim como pode dizer que “possui” (no sentido particular que trabalhamos acima) um corpo ou um psiquismo. Trata-se, exatamente, do domínio ontológico da liberdade e da responsabilidade. Em tal dimensão, localiza-se “a tomada de posição, livre, em face das condições corporais e de existência psíquica”. Compreendem-se, nela, “as decisões pessoais de vontade, intencionalidade, interesse prático e artístico, pensamento criativo, religiosidade, senso ético e compreensão do valor” (Lukas, 1989, p. 29).

É na dimensão espiritual que Scheler chega à resposta para o cerne de seu questionamento antropológico: entre homens e animais, haveria alguma diferença essencial – supraquantitativa – que ultrapassasse qualquer continuidade de graus e viesse a marcar, de maneira específica, a “posição peculiar” do ser humano? Isso, porque, do ponto de vista evolutivo, as quatro dimensões do ser-para-si psíquico (impulso afetivo, instinto, memória associativa e inteligência prática) só se distinguiriam entre homens e animais num nível meramente operacional, isto é, em grau de fineza. É nesse sentido que Scheler afirma: “Eu sustento que a essência do homem e isto que se pode chamar a sua ‘posição peculiar’ encontram-se *muito* para além do que se denomina inteligência e capacidade de escolha, e que elas tampouco seriam alcançadas se se representasse esta inteligência e capacidade de escolha de uma maneira quantitativa qualquer, sim, projetada

até o infinito” (Scheler, 2003, p. 35). Na nota de rodapé, ilustra: “Entre um chimpanzé arguto e Thomas Edison, este tomado como um técnico, não subsiste senão uma diferença *gradual* – aliás, muito grande” (Scheler, 2003, p. 35).

No homem, como ser espiritual, trata-se da capacidade de distanciamento de sua conformação biológica e de suas determinações psíquicas; em suma, da possibilidade mesma de objetivar, conscientemente, tais imposições e de escolher uma resposta livre frente a elas. O núcleo conceitual da noção de espírito na logoterapia parte de uma ratificação e de um particular desenvolvimento da concepção antropológica de Scheler. Para Frankl, o “espiritual” no homem designa, ontologicamente, aquela dimensão de lucidez e autoconsciência que pode confrontar-se com toda gama de condicionamentos – sejam estes sociológicos, biológicos ou psíquicos –, desvelando a capacidade humana de decisão e autoconfiguração: “Por definição, o espiritual é só o livre no homem. (...) chamamos ‘pessoa’ só aquilo que pode comportar-se livremente, sejam quais forem as circunstâncias” (Frankl, 1995, p. 96). A dimensão espiritual empodera o homem com a capacidade de tornar inteligíveis as dinâmicas de determinação e controle de que ele participa, transformando o que, a princípio, se mostra como automatismo em autonomia. Encontramos, aí, a dimensão distintiva e essencial do ser do homem, fonte dos fenômenos tipicamente humanos.

Apresentemos, agora, as duas leis da ontologia dimensional, concepção antropológica que buscou, como já dissemos, afirmar a unidade radical do homem, sem lhe negar as

diferenças ontológicas de seus constitutivos fundamentais. Partindo de uma analogia com um sistema cartesiano de coordenadas sobre três dimensões, cada um dos eixos corresponderia a uma categoria constitutiva: corpo próprio, psiquismo e a última, no plano secante (de profundidade), espírito. A primeira lei diz: “quando um mesmo fenômeno é projetado de sua dimensão particular em dimensões diferentes, mais baixas do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão contraditórias entre si” (Frankl, 1988, p. 23). Cabe lembrar que a referência a “altas” ou “baixas” não se refere a julgamento de valor. Como já dissemos, na organização das categorias reflexivas, parte-se da mais simples (mais “baixas”) para as mais “elevadas”, num processo de “suprassunção”: elevação do entendimento com conservação de sentido. Isto é, as categorias mais baixas são “suprassumidas” nas mais altas, até chegar-se à síntese das categorias, que, no caso, se referem à totalidade do ser do homem, na dialética corpo – psiquismo – espírito.

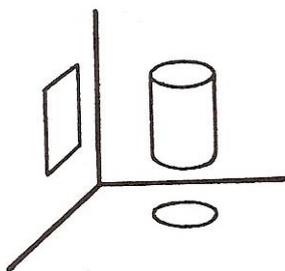


Figura 1 (Frankl, 2003, p. 43)

Na figura 01, percebe-se que o cilindro espacial, se projetado em um plano, resultará num retângulo. Se projetado no outro, resultará numa circunferência. Ora, tais figuras são contraditórias entre si. No entanto, do mesmo modo como não nos ocorre afirmar que um copo é composto por um círculo e por um

retângulo, “assim também o homem não se compõe de corpo, alma e espírito. Trata-se, antes, no que tange ao corporal, ao psíquico e ao espiritual, de dimensões do homem” (Frankl, 1995, pp. 65-66). As projeções geram contradição. A superação desses opostos – no caso da figura, retângulo e circunferência – não pode ser buscada nos planos de projeção. É só na dimensão mais “elevada” (sintética e abrangente, na acepção dialética), que se chega a essa superação; a dimensão espiritual garante a espacialidade do fenômeno, isto é, integra e eleva as contradições surgidas com as operações projetivas:

A dimensão do homem é superior à do animal, e isso significa que ela contém a dimensão inferior. A identificação de fenômenos especificamente humanos no homem e o reconhecimento simultâneo de fenômenos sub-humanos nele não se contradizem de forma nenhuma, pois, entre o humano e o sub-humano, não existe uma relação de exclusão mas sim – se eu assim posso dizer – de inclusão (Frankl, 1991, p. 33).

Logo, o primeiro ensinamento dessa ontologia dimensional é o de que, no que concerne o homem, tudo o que o método das ciências tradicionais poderá oferecer são projeções. Apesar de o pluralismo da ciência oferecer descrições, muitas vezes, díspares da realidade, Frankl, por meio de sua ontologia dimensional, afirma “que as *contradições* não *contradizem* a unidade do real. Isto é verdade também para a realidade humana” (Frankl, 2005, p. 40). Nessa analogia, o *homo humanus*, como ser espiritual, não se deixa projetar, ou refletir. No entanto, esses recortes do humano não deixam de constituir o humano: trata-se de

uma identidade na diferença; “o homo humanus está em sua pátria nesta tri-unidade, aí sua *humanitas* está em sua terra natal” (Frankl, 1995, p. 72). Os reducionismos funcionariam segundo operações – na acepção geométrica – de projeção, isto é, de absolutização de uma dimensão em detrimento de outra. Isto é, a totalidade reside no caráter espacial, enquanto que os recortes projetivos – necessários à metodologia científica – têm que ser reconhecidos como recortes localizados, nunca como a totalidade.

A segunda lei da ontologia dimensional é definida por Frankl da seguinte maneira: “quando diferentes fenômenos são projetados de suas dimensões particulares em uma dimensão diferente, mais baixa do que a sua própria, as figuras que aparecerão em cada plano serão ambíguas” (Frankl, 1988, p. 22). Na figura 02, temos a representação de um cilindro, de um cone e de uma esfera, os quais, se projetados numa mesma dimensão, acabam por constituir, no plano de projeção, uma circunferência, mesmo vindo de objetos espaciais completamente diferentes. A partir da mera projeção, não poderemos, do mesmo modo, saber o que há por sobre o círculo.

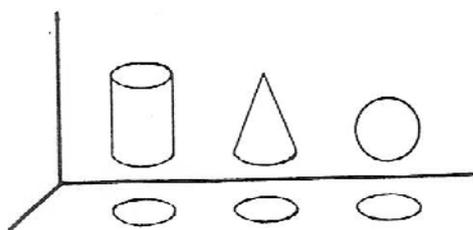


Figura 2 (Frankl, 2003, p. 43)

Frankl nos convida a um experimento mental para ilustrar a segunda lei. Suponhamos que uma das figuras tridimensionais acima seja

um esquizofrênico que sofra de alucinações visuais e que uma outra dessas figuras seja Joana D’arc (Frankl, 1988, p. 29). No plano de projeção da ciência psiquiátrica, não resta dúvida de que a heroína francesa seria diagnosticada como esquizofrênica. O que ela vem a ser, para além de uma psicopatologia, isto é, sua relevância histórica e teológica, desaparece na projeção. Ser portadora de um transtorno mental – defende Frankl – não denega, não prejudica sua importância em outras dimensões. E vice-versa: o fato de ela ser uma santa em nada modifica, para Frankl, a existência de sua patologia. Ora, as duas pessoas em questão – Joana D’arc e a esquizofrênica –, no plano da psiquiatria, apareceriam sob a mesma forma ambígua de uma circunferência, “como as sombras que não sou capaz de identificar ou não posso determinar se pertencem ao cilindro, ao cone ou à esfera” (Frankl, 1978, p. 142).

Nesse contexto, o pensador defende que, nos planos de ser do homem, constata-se, através da ontologia dimensional, a existência de dois fenômenos básicos que se exigem reciprocamente: o do paralelismo psicofísico e o do chamado antagonismo noopsíquico. O primeiro diz respeito à relação íntima de funcionamento, à harmonia operacional que existe na continuidade entre a dimensão corpórea e a psíquica. Contudo, mesmo diante do claríssimo paralelismo psicofísico, Frankl ressalva que “o psíquico não pode ser reduzido, por princípio, ao corporal, nem derivar dele; ambos são antes incomensuráveis” (Frankl, 1995, p. 70). Isto é, tais dimensões são irreduzíveis uma a outra e, da mesma forma, indedutíveis entre si. Nos esquemas gráficos acima, essa incomensurabilidade ontológica

resta, em nosso entendimento, bem representada:

Se cortarmos duas secções ortogonais de um cilindro, a secção horizontal representará o cilindro como um círculo, enquanto a secção vertical o representará como um quadrado. No entanto, como sabemos, até agora, ninguém conseguiu transformar um círculo em um quadrado. Do mesmo modo, até agora, ninguém conseguiu lançar uma ponte entre os aspectos físicos e os psicológicos da realidade humana. E mais, podemos ajuntar, ninguém tem probabilidade de consegui-lo, e isto porque a *coincidentia oppositorum*, como a chamou Nicolau de Cusa, não é possível no âmbito de uma secção qualquer, mas só além de todas as secções, na dimensão mais alta imediatamente sucessiva. A mesma coisa vale também para o homem (Frankl, 2005, p. 40).

Do nosso ponto de vista, o grande *insight* de Frankl, ao propor um modelo dimensional, reside no fato de que tal organização se serve da matemática para propor uma forma de organização dialética. Isto é, um assentamento das categorias corpo-psiquismo-espírito em camadas (Scheler) ou círculos concêntricos (Hartmann) não traduz qualquer relação de necessidade unitária entre tais regiões ontológicas, que poderiam ser separadas e individualizadas sem qualquer prejuízo lógico. Contudo, se considerarmos uma figura espacial, ela simplesmente, não poderia existir sem qualquer um dos eixos, que são condição *sine qua non* de sua espacialidade. Desta forma, pode-se compreender como a dimensão espiritual se mostra enquanto último momento do processo de suprassunção, integrando as

outras duas categorias constitutivas sem negá-las por completo.

Por fim, Frankl também critica a postura de identificação entre corpo e psiquismo, aludindo ao perigo de uma “observação supersticiosa do cérebro”, expressão cunhada pelo filósofo Ludwig Klages, o qual defendia que o objetivo das investigações cerebrais não poderia ser a busca de uma “sede da alma”, mas apenas um esclarecimento a respeito “das condições cerebrais de realização dos fenômenos psíquicos e das disposições” (Klages *apud* Frankl, 1988, p. 106). Atos psíquicos nunca seriam “localizáveis”. Essa pergunta “topográfica” já seria formulada, erroneamente, *a priori*. Na melhor das hipóteses, o que se pode identificar são as condições neurofisiológicas de certos acontecimentos psíquicos. Paralelismo, aqui, não implica uma causalidade direta. As funções psicológicas são condicionadas, mas não “causadas” pela dimensão biológica. Poder-se-ia falar em causalidade apenas no que diz respeito à perturbação das funções. Não se pode confundir – adverte Frankl – “condicionalismo” com “constitucionalismo”, na medida em que, de seu ponto de vista, “o somático não produz e não dá origem a nada – não realiza, apenas condiciona”. Ademais, assevera que “Na medida em que, por motivos práticos, nos aproximamos da teoria da interação psicofísica, não aderimos inteiramente a ela, justamente porque não é lícito falar de um efeito real do físico sobre o psíquico” (Frankl, 1988, p. 106).

No entanto, na dimensão mais alta, percebe-se, exatamente, uma descontinuidade; não encontraremos mais, aí, um paralelismo – como no plano psicofísico –, mas, sim, uma oposição em potencial: o antagonismo

noopsíquico (etimologicamente: de *noús*, como espírito). Aquilo que Frankl chamou de força desafiadora do espírito, ou força de obstinação do espírito, cria um distanciamento para com o fato psicofísico paralelo, chegando-se, aí, ao ponto em que o homem decide sobre si mesmo e dispõe por sobre aquilo que o destino impôs. Na medida em que o paralelismo psicofísico é inevitável – lugar do determinismo e da necessidade –, o antagonismo noopsíquico (ou psiconoético) – lugar da liberdade – é facultativo: ele sempre se mostra como possibilidade. No entanto, trata-se de uma potencialidade para a qual a terapêutica sempre poderá apelar: “Trata-se de apelar para a ‘força desafiadora do espírito’, como eu a chamei, contra a aparentemente poderosa condição psicofísica” (Frankl *apud* Lukas, 1989a, p. 33):

*Ceteris paribus*, que um homem se distancie de sua depressão endógena, enquanto outro se deixa sucumbir a ela, não depende da depressão endógena, mas sim da pessoa espiritual. Ou seja, essa realidade espiritual – noutras palavras, a pessoa – realiza esse apogeu existencial descrito para além de si mesma, em virtude daquilo que na análise existencial nós chamamos de ‘força de obstinação do espírito’. Vemos, assim, que ao paralelismo psicofísico se opõe um antagonismo psiconoético (Frankl, 1995, p. 64).

A figura 03 ilustra esse argumento:

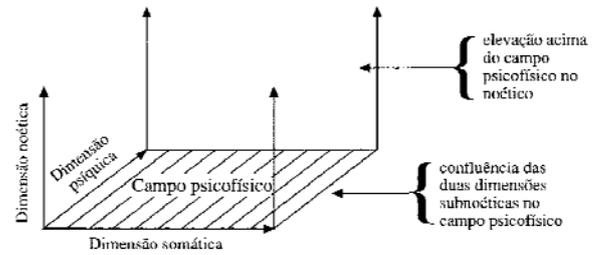


Figura 3 (Lukas, 1989, p. 29)

A fronteira entre o psicofísico (facticidade: fatos psíquicos, fatos orgânicos) e o espiritual (existência) constitui uma linha divisória que deve ser traçada com muita nitidez. Nesse contexto, o clássico problema mente-corpo passa, de alguma forma, a um segundo plano, a fim de dar lugar ao problema que acaba interessando, mais especificamente, à logoterapia: o da existência espiritual face à facticidade psicofísica. De fato, Frankl afirma que sua ontologia dimensional está longe de resolver o problema mente-corpo, mas defende que, através dela, pode-se bem vislumbrar por que tal questão seria insolúvel: “Inevitavelmente, a unidade do ser humano (...) não pode ser achada em suas faces psicológica, nem biológica, mas deve ser procurada em sua dimensão noológica, da qual o homem foi, de início, projetado” (Frankl, 1988, p. 25).

A dimensão espiritual, no pensamento de Frankl, permanece íntegra, jamais se submetendo a dicotomias da ordem “doente” e “são”: a pessoa espiritual não adoece, permanecendo lúcida e sã – isto é, livre - para escolher o modo como vivenciará, inclusive, sua doença, seja psíquica, seja orgânica: “Da mesma forma que existe a verdade apesar da enfermidade, existe o sofrimento, apesar da saúde. O psicologismo esquece o primeiro, enquanto o patologismo desconsidera o

segundo” (Frankl, 1995, p. 122). Ainda que, por vezes, se encontre bloqueada, não disponível (como, por exemplo, no caso de psicoses graves, ou em casos de severos retardos cognitivos), a faculdade espiritual continua, potencialmente, mesmo que não possa ter expressão constante através das outras dimensões do ser. Não se trata apenas de um esclarecimento ontológico, mas também de uma questão de alta relevância terapêutica, tendo em vista que o papel do terapeuta acaba por ser o de mobilizar a existência espiritual, contrapondo a uma responsabilidade livre os condicionantes da facticidade psicofísica (que o paciente tende a aceitar, fatalisticamente, como seu destino).

O presente trabalho buscou investigar um aspecto crucial da fundamentação antropológica do pensamento de Viktor Frankl. Nossa análise se dividiu em três momentos distintos: primeiramente, abordamos o

significado dos constitutivos ontológicos trabalhados na logoterapia para caracterizar o humano, sob a forma das categorias corpo, psiquismo e espírito. Posteriormente, analisamos a forma pela qual, em sua obra, o pensador vienense organizou tais conceitos no sentido de propor uma defesa radical da unidade do homem, que se afirma mesmo diante da evidente diversidade ontológica de que participa; trata-se, como vimos, do modelo dialético compreendido como ontologia dimensional. Por fim, explicitamos o desdobramento fundamental de tal modelo antropológico, que se dá na tensão entre paralelismo psicofísico e antagonismo noopsíquico, isto é, na fronteira entre facticidade e existência, em que se situa o homem enquanto ser espiritual. Desta forma, cremos, por ora, ter conseguido concluir o percurso investigativo a que nos propomos, a respeito deste tema de particular importância no escopo teórico da logoterapia.

## REFERÊNCIAS

- Frankl, V. E. (1964). *Teoría y Terapia de las Neurosis*. (Trad. Frank Günter Schneider e Medardo Sánchez-Tejero). Madri: Editorial Gredos.
- Frankl, V. E. (1978). *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*. Tradução de Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Frankl, V. E. (1981). *A Questão do Sentido em Psicoterapia*. Tradução de Jorge Mitre. Campinas: Papirus Editora.
- Frankl, V. E. (1985). *Em Busca de Sentido*. (Trad. Walter Schlupp e Carlos Aveline). Petrópolis: Editora Vozes.
- Frankl, V. E. (1988). *The Will to Meaning*. Nova Iorque: Meridian Books.
- Frankl, V. E. (1991). *A Psicoterapia na Prática*. (Tradução de Cláudia M. Caon). Campinas: Editora Papirus.
- Frankl, V. E. (1992). *A Presença Ignorada de Deus*. (Trad. Walter Schlupp e Helga Reinhold). Petrópolis: Editora Vozes.

- Frankl, V. E. (1995). *Logoterapia e Análise Existencial: textos de cinco décadas*. (Trad. Jonas Pereira dos Santos). Campinas: Editorial Psy II.
- Frankl, V. E. (2003). *Psicoterapia e Sentido da Vida*. (Trad. Alípio Maia de Castro). São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (2005). *Um Sentido para a Vida*. (Trad. Victor Hugo Lapenta). Aparecida: Idéias e Letras.
- Herrera, L. G. P. (2007). *Viktor Frankl: comunicación y resistencia*. Buenos Aires: San Pablo Editora.
- Lukas, E. (1989a) *Logoterapia: a força desafiadora do espírito*. Tradução de José de Sá Porto. São Paulo: Edições Loyola.
- Lukas, E. (1989b). *Prevenção Psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. (Trad. Helga Hinkenickel Reinhold). Petrópolis: Editora Vozes.
- Lukas, E. (2002). *Psicologia Espiritual*. (Trad. Edwino Royer). São Paulo: Editora Paulus.
- Vaz, H. C. L. (1991). *Antropologia Filosófica, Vol I & II*. São Paulo: Edições Loyola.

Enviado em: 1/12/2014

Aceito em: 15/02/2015

#### SOBRE O AUTOR

**Ivo Studart Pereira.** Possui graduação em Psicologia (2007) e mestrado em Filosofia (2009) pela Universidade Federal do Ceará, além de especialização em Acupuntura pela Associação Brasileira de Acupuntura (2007), especialização em Gestão de Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Faculdade Entre Rios (2012) e formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial pela Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial (2006). Atualmente, cursa o Doutorado em Filosofia da Universidade Federal do Ceará.